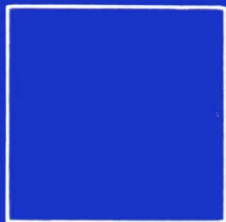
Nova Renascença

publicação trimestral

Abril/Junho

Primavera de 1986

EDIÇÕES *Nova Renascença*

OBRAS PUBLICADAS:

O ANJO — José Augusto Seabra (esgotado)
INCONCRETOS DOMÍNIOS — Albano Martins
UM MOMENTO ANTES — Jacinto de Magalhães (esgotado)
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA — Fernando Echevarría
COLECÇÃO DE POSTAIS — I série
A POESIA DE ALBERTO DE SERPA — Alberto de Serpa (esgotado)
A CIDADE E O RIO — Dalila Pereira da Costa
EXERCÍCIOS CIRCULARES — Diogo Alcoforado
MORS - AMOR (paixão de Barthes) — José Augusto Seabra **(esgotado)**
COLECÇÃO DE POSTAIS — II série
A ÁGUA E O SILÊNCIO — Jacinto de Magalhães (esgotado)
FIGURAS — Fernando Echevarría
COLECÇÃO «10 POSTAIS DO PORTO» — Zita Magalhães (esgotada)
ELEGIAS DA TERRA-MÃE — Dalila Pereira da Costa
ORPHEU 3
FENOMENOLOGIA — Fernando Echevarría
GRAMÁTICA GREGA — José Augusto Seabra
NAS ÁGUAS DAQUELE MAR — Jacinto de Magalhães
FICÇÃO — António Ramos Rosa
*QUATRO PAREDES — **Raul de Carvalho***
TRÁS-OS-MONTES — Jacinto de Magalhães

Número 22 *Volume* 6

SUMÁRIO

CARTA DE JOSÉ RÉGIO A MARIA ALIETE GALHOZ

Maria Aliete Galhoz
Olhos d'Água
Boliqueime
Algarve

Vila do Conde
3/8/68

Minha querida Amiga:

Antes de mais, volto a dizer-lhe que tem de cuidar de si..., não acho bem isso dos almoços num quarto de hora, umas sopinhas de leite, um arrozinho e uma fruta! Por essas e outras é que eu fui parar àquele casarão do Lumiar: muitas vezes nem jantava, bebia umas cervejas, mastigava uma bucha, trabalhava muito, dormia dormia umas cinco horas... Longe vá o agoiro de Lumiares, mas, como quer que seja, a Maria Aliete deve lembrar-se de que os seus Zés precisam de si! Isto para não ir mais longe e não dizer, o que aliás deve dizer-se, que precisa a cultura nacional. Com todas as minhas impertinências e rudezas, (de que aliás não desisto, porque sou brutalmente sincero precisamente com os amigos que mais estimo!) não vá pensar que eu não estou convicto de que Deus lhe deu dons que não pode perder, e com que tem de contar a nossa cultura. (E olhe que eu também sou Zé! Quando era pequeno até sonhei ser o Zé do Telhado...). Se não pode ir descansar para Penacova, — conheço muito bem Penacova de quando era estudante em Coimbra — tem de aproveitar ao menos todo o descanso possível no Algarve. Não se esqueça de me mandar dizer quando vai para lá, e me dar a di-

necessário.

1) E agora vamos a ver o que lhe posso dizer sobre o *Jacob*. Como ainda não trouxe de Portalegre a maior parte dos livros que ~~[illegible]~~ têm de vir para cá, não poderei dar-lhe desde já certas precisões. Por exemplo: Não tenho cá a *Revista de Portugal*, nem a *presença*. Apenas alguns números desta. Poderá, no entanto, recorrer à biblioteca de algum amigo, se lhe for isso necessário. *Jacob e o Anjo* apareceu-me, primeiro, como um poema em prosa ~~[illegible]~~ e seis cantos, cada um dos quais seria um diálogo entre o *Rei* e o *Anjo-Bobo*. Dois destes diálogos foram publicados na *presença*. Conservo, talvez em Portalegre, o último desses diálogos, numa primeira redacção. O Rei e o Bobo tinham morrido, os seus cadáveres estavam expostos numa Catedral. Dialogavam de caixão para caixão, durante a noite. A esse último diálogo corresponde, na peça, o do Rei moribundo com o fantasma do seu ex-Bobo. Os outros diálogos ainda não haviam sido escritos, e alguns em rascunho foram destruídos ou se perderam.

Talvez pela natureza *dialogal* do Poema, veio-me à ideia de que ele poderia

ser uma peça. Mas uma peça pre-
cisa de qualquer história-pretexto. E en-
tão me surgiu a história de Afonso VI
como base, sustentação, para as concepções
e porventura ainda obscurar intenções do
meu poema. As histórias-pretextos surgem-
-me quase sempre como uma ilumina-
ção ou revelação, possam embora andar en-
terradas há muito no sub-consciente. Co-
mecei a escrever a peça, e aproveitei coi-
sas dos dois diálogos já publicados. A
verdade, porém, é que a peça já se andava
fazendo dentro de mim, até quando a fui
para o Tal Poema em seis cantos. Precisar
datas para estas coisas — é impossível. As
obras vivem obscuramente dentro de mim
— sei lá por quanto tempo! — antes de verda-
deiramente chegarem a ser obras. Obras. Pa-
ra Jacob e o Anjo, as datas precisas têm de
ser (ou consideradas tais) as da publicação
na Revista de Portugal. Para o Primeiro Vo-
lume de Teatro, que contém Jacob e o Anjo
e Três Máscaras, aproveitei, quanto à pri-
meira, a composição da Revista de Portugal.
O Posfácio que vem nesse volume, [illegible]-
ro, é o primeiro esboço do ensaio (Vis-
tas sobre o Teatro) inserido em Três Ensaios

Sobre Arte. Suponho ter sido dos primeiros, em Portugal, a sublinhar a natureza espectacular do Teatro. Já por tudo isto pode a minha Amiga entrever as andanças por que passam muitas das minhas coisas. E mais: suponho que a primeira [illegible] de Jacob e o Anjo está em Fantasia sobre um velho Tema, que vem n'As Encruzilhadas de Deus. De umas edições para outras da peça as correcções foram poucas e pouco importantes. De certo modo, eu tinha medo de lhe tocar... E também ~~[illegible]~~ preguiça e desânimo, pelo seguinte: A Companhia Amélia Rey-Colaço-Robles Monteiro projectara — há quantos anos?! — pôr Jacob e o Anjo em cena. A Censura, porém, exigia eliminação da figura do Sacerdote. (Nesse tempo, o Estado e a Igreja Católica estavam ainda em muito boas relações). Eu recalcitrei, quis desistir, acabei por ceder... mas com a condição de fazer reentrar na peça tudo ou quase, quanto diria o Sacerdote eliminado. Isto me obrigou a refazê-la toda e nesse refazer fiz muitos cortes nas falas mais longas. Mandei para o Teatro Nacional esse exemplar único, cheio de cortes e colagens. E mais tarde, quando o mandei pedir à Amélia Rey-Colaço, (já

posto de parte, por circunstâncias complicadas e pitorescas, o projecto de representação de *Jacob e o Anjo*) Amélia Rey-Colaço respondeu-me que o perdera. Tê-lo-ia perdido? ter-se-á perdido depois? As vicissitudes de *Jacob e o Anjo*, que provavelmente ainda não acabaram, dariam uma longa história miúda e reveladora. A sua representação na Estufa Fria fez-me ver duas coisas: Primeira: que a peça, no fim de contas, sustenta muito bem a subida à cena. Segunda: que nada perderá com alguns cortes aqui e além, nas tais "falas mais longas". Fá-los-ei em qualquer reedição? Não sei. A Maria Aliete não deve preocupar-se com isso: Nada afectarão, esses hipotéticos cortes, do seu essencial, — mesmo estilisticamente.

2) Com efeito, a aplicação do termo *barroco* ao meu teatro (melhor: a parte do meu teatro) exige explicações e reservas. Decerto se não trata do barroco epocal. Falando eu próprio, às vezes, de barroco a respeito do meu teatro, dou ao qualificativo um sentido muito largo, intemporal, que aparece, desaparece, reaparece em várias épocas e países, e que naturalmente nada tem de depreciativo. Não

deveria preferir o qualificativo Romântico? Sempre, na minha producção literária, tenho oscilado entre estas duas grandes tendências, ambas profundas em mim: a romântica (ou barroca?) e a clássica. Umas das minhas obras pendem mais para um lado, outras para outro. O meu ideal seria fundir as duas tendências. (Achar, talvez, uma expressão clássica para um expresso romântico? De um modo geral, e muito por alto, inclino-me a ver o barroco num jogo de luzes e sombras, saliências e depressões, efeitos contrastantes e violentos harmonizando-se numa espécie de decorativismo expressionista... Também numa dialéctica, sim, (visto que me fala em dialéctica) muito sinuosa e complexa. Já sabe que sou, eu próprio, muito debatido por contradições, sem desistir de procurar uma unidade fundamental: um ser muito mais dialéctico do que dogmático.

3) Sempre o jansenismo e Port Royal me seduziram. Aliás me seduzem todas as atitudes místicas extremistas. Todavia, creio que não poderia ser jansenista.

Tenho por Pascal um apaixonado 4
interesse e uma grande admiração. Mas
para lhe falar do problema da Graça — pro-
blema que tanto me atrai — haveria de
tentar um longo, difícil ensaio... Talvez
os que estudarem a sério a minha obra (não
tenho outro remédio senão falar na minha... o-
bra) é que tenham de captar nela os ras-
tros e sinais da minha intuição pro-
funda da Graça, — em que, demais, nem sei
se creio. Efectivamente, porém, e como
sugere, de modo nenhum lhe é estranho
o Cristo da Paixão e da Ressurreição. Para
ser verdadeiramente vivo é preciso sofrer,
morrer, e ressuscitar (*A Salvação do Mun-*
do). Quase nada conheço de Jaillard de Char-
din, que — mas vá lá saber porquê?! — antes
me provoca um antecipado movimento
de antipatia.

4) Toda a dramaturgia estrangeira é
alheia ao meu teatro, que nasce exclusiva-
mente (ou quase) de mim. Num certo sentido, é a
parte mais original, mais *livre*, da minha
diversa produção: muito pouco, ou nada, deve
aos *outros*. À data da escrita de *Jacob e o*
Anjo, Ibsen é que era o dramaturgo mais meu
admirado. Continuo a admirá-lo como um dos
maiores. Quer que lhe dê uma lista dos

autores dramátic que mais sinceramen-
te admiro? Aí vai ela, e, como verá,
é muito heterogénea e até desconcer-
tante!: Gil Vicente, Shakespeare, Mo-
lière, Corneille (?), Ibsen, Musset,
Wilde, Pirandello, Claudel... (esquecer-
-me-á algum?). Mas repito: não tenho cons-
ciência de qualquer influência destes auto-
res na minha producção dramática. Não
falaria, já, da mesma maneira falando
da minha poesia ou da minha novelística.
Sim, Strindberg também me interessa; mas
creio que à data do _Jacob_ não conhecia de
ele senão uma ou duas peças. O que me in-
teressa dos russos é o romance e a novela
— a extraordinária novelística russa!

5) Como quer que seja, creio que é ainda na
producção dramática nacional que a
minha se insere, — independentemente e nem
por isso menos profundamente. Gostarei de
citar Gil Vicente, o Garrett do _Frei Luís de
Sousa_, D. João da Câmara (o da _Meia Noite_ e por-
ventura d'_O Pântano_), António Patrício, o Cor-
tês em parte... Julgo que seria muito inte-
ressante procurar captar a originalidade,
pois creio havê-la, do teatro português: as

suas características em relação a qualquer outro. Lamento que, por certos aspectos, o teatro de António Patrício seja demasiado pouco teatro. E o de Claudel também, por vezes, embora Claudel seja um poeta dramático de génio. No teatro contemporâneo (que aliás ainda conheço mal..., reserva a que é preciso atender) não vejo ninguém que admire a fundo, embora reconheça o talento e até a originalidade de dois ou três autores. A peça recentemente lida que mais me tocou — foi Le roi se meurt, de Ionesco.

6) — Três características de Claudel me atraem: o seu poderoso lirismo; o seu misticismo; simultâneamente, um fundo senso das coisas da terra. Creio que há afinidades entre nós — humanas... não artísticas — e profundas diferenças. Houve quem falasse em L'Annonce faite à Marie a propósito da Benilde ou A Virgem-Mãe. Não há influência nenhuma de aquela peça nesta, e quaisquer aparências de encontro ou semelhança não passam de aparências. As profundezas são outras, a forma outra. No entanto, L'Annonce faite à Marie é uma das criações do teatro moderno que mais admiro. Estas coisas são difíceis de deslindar, não é? Voltarei, talvez, ao assunto, pois a mim pró-

prio vos provoca curiosidade.

. . . .

P.S. 9/8/68 Escrita há uns dias, esta carta ficou incompleta... mas já diz alguma coisa. Como não sabia onde a Maria Aliete estava (em Lisboa? no Algarve?) fiquei à espera de notícias suas, que finalmente chegaram.

Tem passado bem?

Até breve! Amigo Régio